



Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos
Universidade de Varsóvia



Diálogos com
a Lusofonia:
Um encontro
na Polónia

LIVRO DE RESUMOS

Varsóvia
10 e 11 Dezembro 2007

Diálogos com a Lusofonia: Um encontro na Polónia

Colóquio comemorativo dos 30 anos da Secção Luso-Brasileira
do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos
da Universidade de Varsóvia

Wydawca:

Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich

ul. Oboźna 8, 00-927 Warszawa

tel. (022) 552 04 29; (022)552 06 83; tel./fax (022) 828 29 62

e-mail: iber@uw.edu.pl; www.iberystyka.uw.edu.pl

LIVRO DE RESUMOS

AS PERSPECTIVAS DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO GLOBALIZADO

SOLANGE DE SOUZA ARAÚJO
ss-ll@hotmail.com

A língua representa o nosso meio de produção e representação, é um dos marcos de nossa identidade. A Língua Portuguesa, originária do latim, entrou na Península Ibérica através dos romanos, e hoje é uma das cinco mais faladas do mundo, tornando-se um veículo de intercâmbio cultural e cooperação entre os diversos países.

SOLANGE ARAÚJO é licenciada em História e aluna do Mestrado em Estudos Lusófonos na Universidade de Évora, Portugal

AS AVENTURAS DE CLORIANO, PRÍNCIPE DA POLÓNIA, OU A MULTIPLICAÇÃO DO ESPAÇO NA FICÇÃO ROMANESCA BARROCA

SARA AUGUSTO
sara.augusto@sapo.pt

A leitura das extensas novelas barrocas permite compreender como o tratamento das categorias do tempo e do espaço se torna essencial na definição da sua característica multiplicidade. O espaço, em constante mutação, por viagem e por peregrinação, contribui para acentuar a presença da aventura e do exótico, do bizarro e do insólito, mas também a procura de integração num cativante cosmopolitismo europeu. A história de Cloriano, príncipe da Polónia, narrada em *Brados do Desengano*, de Soror Madalena da Glória (1749) constitui um dos melhores exemplos do inquieto percurso das personagens da ficção romanesca barroca.

SARA AUGUSTO é Professora auxiliar da Universidade Católica Portuguesa. Mestrado em Literaturas de Expressão Portuguesa e Doutoramento em Literatura Portuguesa (Época Moderna), Bolseira de Pós-Doutoramento da FCT em Literatura Portuguesa (Literatura de viagens). Apresentou trabalhos em Portugal e no estrangeiro; publicou artigos e outros escritos em edições nacionais e estrangeiras, no âmbito das suas áreas de formação.

QUANDO OS PORTUGUESES CORREM, OS POLACOS NADAM? Domínio de movimento em água (AQUA- motion) em Português Europeu e Polaco: contribuição para Tipologia Lexical

HANNA JAKUBOWICZ BATORÉO
hanna@univ-ab.pt

Propomo-nos, no presente trabalho, analisar e contrastar alguns dos paradigmas de lexicalização que se observam em Português Europeu e Polaco na descrição tipológica

do MODO como o MOVIMENTO é efectuado (Cf. Talmy 1985 e 2000; Batoréo [1996] 2000). Os referidos paradigmas dizem respeito a um campo lexical restrito de verbos que referem movimento efectuado em água – e, por extensão, em qualquer meio líquido –, designado na literatura de especialidade por AQUA-motion (cf. Lander, Maisak & Rakhilina 2005, Maisak & Rakhilina 2007). Com a análise efectuada, tendo por base os dados provenientes dos corpora linguísticos disponibilizados electronicamente (Linguateca), procura demonstrar-se que as línguas naturais diferem de um modo estruturado e previsível não apenas a nível estritamente gramatical, mas também a nível do seu léxico (Newman 2002), bem como a nível global da conceptualização do seu funcionamento.

HANNA BATORÉO é doutorada em Linguística (Psicolinguística) pela Universidade de Lisboa (1997) e professora agregada em *Estudos Portugueses* – Linguística pela Universidade Aberta (2006). A sua Dissertação de Doutoramento foi publicada, em 2000, pela Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia com o título *Expressão do Espaço no Português Europeu: Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*. Nos últimos anos, a sua principal área de investigação científica tem sido a Linguística Cognitiva. Neste âmbito, foi galardoada com o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra de 2005 pelo texto (em forma de CD) publicado na Universidade Aberta e intitulado *Linguística Portuguesa: Abordagem Cognitiva* (2004). É membro da Direcção da Associação Internacional da Linguística do Português (AILP), sendo representante de Portugal no seu Conselho Consultivo (2004-2007).

EXPERIMENTANDO A COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL EM PORTUGUÊS LE: ADAPTAÇÃO DE *MIRRORS AND WINDOWS* PARA AS AULAS NA UNIVERSIDADE DE VARSÓVIA

ANA CAROLINA WALCZUK BELTRÃO
abeltrao@wp.pl

A sensibilização de estudantes para aspectos socioculturais do processo de aprendizagem de línguas estrangeiras, assim como a formação de mediadores interculturais bem-sucedidos, tem sido cada vez mais observada por lingüistas do mundo inteiro, o que em tempo gerou o novo campo de estudo da “Comunicação Intercultural” (C.I.). Com o objetivo de introduzir a C.I. nos cursos de Português/Língua Estrangeira da Universidade de Varsóvia, a autora traduziu e adaptou o livro de Huber-Kriegler, Lázár e Strange, *Mirrors and Windows: an intercultural communication textbook*. O material foi utilizado por um semestre com alunos do 3º ano dos estudos de Língua Portuguesa do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos, e posteriormente avaliado pelos próprios alunos através de questionário semi-aberto. Investigaram-se, também, as opiniões dos mesmos alunos sobre a relevância da instrução formal em C.I., em especial para a sua formação académica.

ANA CAROLINA WALCZUK BELTRÃO (n. 1976) é bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestre em Cultura Norte-Americana pela Universidade de Varsóvia. Trabalhou como pesquisadora na Rede Bandeirantes de Televisão no Rio de Janeiro e como jornalista freelance

para diversos meios de comunicação, dentre eles o jornal O Globo. Atualmente é Leitora de Língua Portuguesa no Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia e doutoranda do Instituto de Filologia Inglesa da mesma universidade. Conduz investigações nas áreas de Comunicação e Lingüística Aplicada. Recebeu prêmios em universidades brasileiras e obteve diploma de distinção em seu mestrado pela Universidade de Varsóvia.

POBREZA, EXCLUSÃO SOCIAL E DISCRIMINAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA AMÉRICA LATINA

LEILA BIJOS
lbijos@ucb.br

Reflexão sobre as transformações econômicas, a ausência de políticas públicas e sociais para uma população de mulheres negras brasileiras, do Estado da Bahia, descendentes de escravos africanos. Análise comparativa com as mulheres indígenas bolívia-nas, quéchuas, ay-maras, moxeñas, antigas habitantes dos ayllús incáicos, culturalmente ameaçados por profundos desequilíbrios demográficos, ou pelas políticas cunhadas de “desenvolvimentistas”.

Em Salvador, as mulheres são migrantes, nordestinas, negras ou mulatas, enquanto em La Paz elas são migrantes indígenas e mestiças, apresentando uma heterogeneidade étnica e cultural. Existem aspectos comuns e divergentes, mesclados a uma compatibilidade e incompatibilidade entre estas mulheres migrantes, membros do setor informal da economia. Dentre esses aspectos citam-se os direitos cidadãos, os direitos étnicos, como elementos delin-eadores de políticas setoriais e específicas, e se estas políticas incorporam a perspectiva de gênero nas diversas políticas públicas ou em políticas mais neutras e globais.

A pesquisa etnográfica realizada em La Paz, “a capital mais alta do mundo”, nos reme-te a um ambiente econômico informal, com 80% dos negócios ressaltando uma feminização da pobreza, cuja característica principal está centrada nas mulheres indígenas, migrantes, com-paradas com as mulheres migrantes nordestinas, num ambiente permeado por jovens, crian-ças e agregados adultos e idosos, apresentando um entrecruzamento de modelos culturais de alteridade, confrontando-se com o modelo ocidental.

Os migrantes bolivianos (membros de uma primeira, segunda, e terceira gerações), re-montam seus comportamentos e códigos culturais ao mundo rural andino de origem, cujas orientações reproduzem-se no contexto urbano, uma vez que servem de nexos entre as comu-nidades e o sistema econômico e político de grande amplitude. Entre estes sinais, o uso em-blemático da vestimenta feminina, mulheres “cholas”, sempre de pollera e chapéu de “coco” negro, “india”, com roupas de lã fina ou outro tecido colorido tradicional, com saias rodadas superpostas e a inseparável “mantilla”. Mulheres discriminadas socialmente, que sofrem a vi-olência cotidiana de patrões e de maridos, e que não conseguem integrar-se completamente na sociedade moderna e capitalista.

Ser mulher na Bolívia significa transitar pelos escalões da migração e da mestiçagem cul-tural, até ser denominada de “chola” ou “birlocha”, em que existem hoje renovadas exclusões e acessos condicionantes aos direitos dos cidadãos.

Neste sistema de exclusão étnica, tanto no Brasil como na Bolívia, percebe-se claramente uma reciprocidade negativa de insultos e estereótipos culturais onde se encontra implícito o prolongamento da discriminação e do racismo.

LEILA BIJOS é Doutora em Sociologia pelo CEPPAC, Universidade de Brasília (UnB), professora visitante da Universidade da Califórnia em San Diego (UCSD), e professora do Mestrado em Direito da Universidade Católica de Brasília. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Segurança (NES).

MITOS DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E EMOCIONAL: UMA PERSPECTIVA COMPARATIVA LUSO-POLACA

PEDRO CALAFATE
pedrocalafate@hotmail.com
BEATA CIESZYŃSKA
b_ciesz@poczta.onet.pl
JOSÉ EDUARDO FRANCO
edfranco@oniduo.pt

1. Porto e Campo (pole =campo) – origem dos nomes (dois caminhos, mesmo destino?)

2. Povos de identificação: Lusitanos e Sarmatos

(Teorias que ganharam maior importância a partir do século XVI)

3. Papel do cristianismo:

A.

- O sonho de Afonso Henriques sobre o destino de Portugal

- Cegueira temporária de Mieszko, primeiro príncipe polaco, na infância, como o símbolo da futura integração no cristianismo

B.

- Expansão para o Leste – bárbaro e pagão, missão cristianizadora e civilizadora; uma nação escolhida por Deus como os Judeus na Bíblia; sarmatismo

- Expansão para o Ocidente – selvagem, primitivo, pagão, missão cristianizadora e civilizadora; quinto império; sebastianismo

4. Mitos de auto-identificação e estereótipos:

- Polacos: tolerância (Polónia como um “país sem autos de fé”), pacifismo e honor, romantismo (lutar pelos outros)

- Portugueses: demos novos mundos ao mundo, amistosos para com os outros povos, generosos, pacíficos

5. Os mitos de um grande amor:

A.

Portugal: Pedro e Inês: interesses nacionais sobrepõem-se aos interesses pessoais, sobretudo o amor. Relação com o “estranho e o outro”, ameaça espanhola (galega e castelhana, século XIV)

B.

Polónia: Barbara Radziwiłłówna e Sigmundo Augusto I : interesses nacionais sobre-
põem-se aos interesses pessoais, sobretudo o amor, mas a crise política ultrapassa-se e
só intervenção do Outro (Bona Sforca – rainha italiana) que envenena Barbara (século XVI)

6. Pan-eslavismo, pan-iberismo: ideias, desafios, ameaças, teorias

Pedro Calafate é professor na Universidade de Lisboa e integra a equipa do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Beata Cieszyńska é professora nas Universidade de Kazimierz Wielki em Bydgoszcz e na Universidade de Lisboa, preside a Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos e integra o Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa. José Eduardo Franco integra a Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos e o Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa

LUÍS DE CAMÕES E FERNÃO MENDES PINTO: DOIS CONTRIBUTOS COMPLEMENTARES PARA A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO PORTUGUÊS DE QUINHENTOS

JOÃO CARLOS FIRMINO ANDRADE DE CARVALHO
jccarva@ualg.pt

Pretende-se, nesta comunicação, reflectir sobre alguns aspectos essenciais do Portugal quinhentista, problematizados, de forma diferenciada mas igualmente pregnante, nas obras de Camões – Os Lusíadas – e de Fernão Mendes Pinto – Peregrinação. Humanismo e Experiencialismo, Espiritualidade e Pragmatismo, Identidade e Diferença, Cânone e Desvio, etc., são apenas alguns desses aspectos que passaremos em revista, de modo a destacar que o pioneirismo da abertura ao mundo, ou primeira forma de globalização, não foi desacompanhada de certos fechamentos.

JOÃO CARLOS FIRMINO ANDRADE DE CARVALHO é Professor na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. É Doutorado em Literatura Portuguesa Clássica, tendo publicado vários livros e artigos sobre matérias relacionadas com a literatura e cultura portuguesas, com a teoria e crítica literárias, com o comparatismo e com a retórica.

IMAGEM DE MUDANÇAS SOCIO-ECONÓMICAS NA OBRA DE MIA COUTO

WOJCIECH CHARCHALIS
wcharchalis@net.sapo.pt

A obra de Mia Couto goza duma popularidade e aplauso dos críticos dos países lusófonos, ante tudo por razões da sua carga poética e imaginária que podemos qualificar baixo o rótulo do assim chamado realismo maravilhoso. No entanto, na obra deste

autor observamos também um constante interesse pela participação no diálogo sobre o presente e o futuro de Moçambique. Durante a evolução da narrativa deste autor ao largo dos anos, o seu ponto de vista quanto à realidade socio-económica e política também foi sujeito a uma evolução. No presente artigo vamos analisar esta evolução, concentrando-nos ante tudo na apresentação da imagem de Moçambique, da luta pela independência, da guerra civil, da consciência da moçambicanidade, etc. Vamos também pôr uma atenção especial à forma de apresentação de Portugal e dos portugueses no contexto africano que podemos verificar na narrativa deste autor.

WOJCIECH CHARCHALIS é licenciado e doutorado pela Universidade Adam Mickiewicz de Poznań, fez estudos de pós-graduação na Universidade do Porto. Trabalhou na Universidade Adam Mickiewicz de Poznań, na Escola Superior de Formação de Professores em Bydgoszcz, foi director da Cátedra de Literatura na Universidade Jean Piaget de Cabo Verde. Presentemente é professor na Universidade Marítima em Gdynia e na Escola Superior de Letras da Pomerânia em Gdynia. É também tradutor da literatura espanhola, portuguesa e inglesa.

HISTÓRIA DE PORTUGAL COMO METÁFORA DE RESISTÊNCIA: *O RENDER DOS HERÓIS* DE JOSÉ CARDOSO PIRES (1960), *FELIZMENTE HÁ LUAR!* DE LUÍS STTAU MONTEIRO (1961) E *O MOTIM* DE MIGUEL FRANCO (1963)

MALGORZATA CZART
czartosia@poczta.onet.pl

Nos anos sessenta o drama histórico foi um dos subgéneros predominantes no teatro português e um dos meios do protesto contra o regime. Esta comunicação focalizará em análise da relação entre a história e a literatura, à luz da importância da literatura na formação da identidade nacional dum povo, bem como o significado e as possibilidades do uso da história como tema literário com o fim de despertar a consciência civil e política dos leitores. Serão discutidos os motivos como o conceito do herói, a imagem e a alma do povo português e os mecanismos do poder totalitário.

MALGORZATA CZART é mestre em Estudos Ingleses (Universidade de Varsóvia), formada em Estudos Ibéricos (Universidade de Varsóvia).

UMA LÍNGUA SEM DONO: O(S) PORTUGUÊS(ES) HOJE

GIAN LUIGI DE ROSA
gianluigi.derosa@unimi.it

A comunicação pretende analisar a situação atual em que se encontra a língua portuguesa, que nos leva a reflexionar sobre a realidade lingüística da Lusofonia, considerando as modalidades de formação dos novos espaços discursivos e evidenciando variações e mudanças nas estruturas morfossintáticas e semânticas da língua e nas suas estraté-

gias comunicativas, que deram vida a uma variante nacional brasileira (PB) e que estão dando origem a duas protovariantes africanas, angolana (PA) e moçambicana (PM), distintas da norma-padrão do Português europeu (PE).

GIAN LUIGI DE ROSA é professor de Português nas Universidades de Milão, Turim e Parma. A sua atividade científica mais recente concentra-se no uso da tradução audiovisual no ensino de L2. É autor de ensaios sobre: tradução intersemiótica e audiovisual, língua portuguesa, literatura portuguesa e brasileira, cinema português e brasileiro; tradutor de romances e de ensaios.

CULTIVANDO A SOLIDÃO FEMININA E SUAS DELICADAS RELAÇÕES A PARTIR DOS ROMANCES DE CLARICE LISPECTOR

KIRLLA CHRISTINE ALMEIDA DORNELAS
kirlladac@yahoo.com

Os romances de Clarice Lispector têm como foco a mulher e suas relações interpessoais. Diante disto, os romances apresentam os padrões de comportamentos esperados para a mulher burguesa. Porém as protagonistas experimentam um sentimento de não ser ou pertencer. Não há um contorno que dê forma a mulher. Sozinha, as personagens refletem sobre suas necessidades. Os romances de Lispector mostram o processo de conscientização do *self* feminino. Por isto, sua literatura fala de solidão e por isto ainda hoje, nos identificamos tanto com sua obra.

KIRLLA CHRISTINE ALMEIDA DORNELAS é doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Brasil. Membro do CIPRI – Centro Internacional para a Pesquisa do Relacionamento Interpessoal, consultora de pesquisa de mercado e psicóloga clínica.

VELHAS LINGUAGENS, NOVOS ESPAÇOS: APROXIMAÇÃO AO DISCURSO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

MARCELO MENDES FACUNDES
mfacundes@hotmail.com

O Pentecostalismo brasileiro tem sido objeto de estudo das várias ciências no âmbito das humanidades nas últimas décadas. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), como a maior representante deste movimento, apresenta em seu discurso uma inovadora forma de vincular-se aos sujeitos. Este trabalho, através do uso do método de análise de conteúdo de Bardin, presta-se a percorrer a produção jornalística da IURD atualmente disponível na internet, analisando os valores percebidos no discurso iurdiano a partir da linguística e da psicologia. Assim, pretende-se mostrar como se comporta a antiga linguagem pentecostal num novo espaço de comunicação como a rede www.

MARCELO MENDES FACUNDES é psicólogo pela Universidade Complutense de Madrid e doutorando pelo departamento de Psicologia Social da mesma universidade. Foi contemplado com a bolsa ERASMUS-SOCRATES

para estudar temas relacionados com a psicologia da religião na Universidade de Lausanne, Suíça. Atualmente investiga o papel da linguagem na construção da identidade religiosa na América Latina.

A POESIA MOÇAMBICANA E A IDENTIDADE CULTURAL: OUTRAS MOÇAMBICANIDADES, NOVAS LUSOFONIAS?

JESSICA FALCONI
jessica-77@libero.it

Pretendo abordar hipóteses de pesquisa sobre as configurações identitárias que emergem na poesia moçambicana contemporânea. Os poetas moçambicanos tentam construir outras maneiras de imaginar a identidade cultural e reformular a noção da própria lusofonia.

JESSICA FALCONI nasceu em Nápoles, em 1977. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Estrangeiras em 2002 na Università degli Studi di Napoli “L’Orientale” com um trabalho final sobre a obra de Irene Lisboa. Na mesma universidade defendeu em Abril de 2007 a sua tese de doutoramento intitulada “Fronteiras Líquidas: letteratura e identità nella poesia su Ilha de Moçambique”, trabalho orientado pelo Prof. Giovanni Ricciardi e pela Prof.ª Ana Mafalda Leite.

O CONTO POPULAR: UM TESOURO CULTURAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

RUI MIGUEL VENTURA DO COUTO TAVARES DE FARIA
rui-de-faria@iol.pt

A literatura popular guarda e preserva a língua num estado genuíno. São um exemplo deste estado de preservação linguística, as recolhas de contos populares, editadas em Portugal, que assumem o papel de tesouro do imaginário da cultura em língua portuguesa.

O conto popular insere-se numa literatura de transmissão oral. É representativo da memorização das histórias criadas pelo autor colectivo que respeita os valores da sua comunidade e os transmite de geração em geração. Este tipo de transmissão dá origem à produção de variantes, pois cada emissor é também um receptor que altera o discurso que ouviu contar.

RUI FARIA é licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Franceses, pela Universidade dos Açores, e doutorando em Literatura Portuguesa, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tem exercido funções docentes e tem desenvolvido investigação nas áreas da Literatura e Linguística Popular Portuguesa.

LITERATURA PÓS-NACIONALISTA: LITERATURA NOVA DE UM MUNDO NOVO

FÁTIMA FERNANDES
fatimamsfernandes@portugalmail.pt

A literatura angolana pode ser dividida em dois grandes períodos, um que antecede

a independência, e uma fase, recente, que se começou a definir após a independência de Angola. Antes da independência, a literatura angolana é, acima de tudo, e principalmente nos anos 60 e 70, uma literatura comprometida, de intervenção, de denuncia do regime colonial, da opressão exercida pelos portugueses. É uma literatura maniqueísta, onde o negro e sempre a vítima do regime, e o branco o opressor. Alguns dos grandes nomes que se destacaram, e que vamos referir, são os de Agostinho Neto (Sagrada Esperança), José Luandino Vieira (Luanda), Costa Andrade (Estórias de Contratados). Já a nova literatura é uma literatura totalmente diferente. De repente desaparece o colono, desaparece o branco, o português perde a sua supremacia. Este mundo novo traz consigo uma literatura nova. Agora o negro ocupa todas as classes sociais e os lugares de poder, as questões das diferenças que se colocam são, precisamente, questões de diferenças sociais, mais do que socio-raciais. Quando o branco surge é muita das vezes ridicularizado, o medo desapareceu. Os textos são irónicos, bem-humorados. Os estereótipos são analisados, o angolano consegue, finalmente, rir-se de si próprio e da sociedade tão variada e colorida de que faz parte. Os autores que vamos analisar como exemplos de criadores desta nova literatura são Pepetela (*Jaime Bunda*, *Agente Secreto*; *Predadores*) e João Melo (*Imitação de Sartre e Simone de Beauvoir*; *The Serial Killer e outros contos risíveis ou talvez não*).

FÁTIMA FERNANDES é licenciada em Português-Inglês (via ensino) pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em 1993. Doutorada pela Universidade de Varsóvia, em 2002. Doutoramento em Literatura Portuguesa Contemporânea reconhecido pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 2003. **Obras publicadas:** *A Bruxa e a Poesia* (Edições Chá de Caxinde, Luanda, 2003); *Exorcismo* (Edições Chá de Cabide, 2003). Vão ser publicadas em Outubro deste ano, pela Universidade Lusíada, 3 peças de teatro da minha autoria: *Camões - A Poesia pelo Teatro*; *Romeu e Julieta - a comédia*; *Auto da Barca do Inferno* - Sociedade Luandense 2006.

NEOLOGISMOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: APLICAÇÃO AO ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

ADERLANDE PEREIRA FERRAZ
ader3459@terra.com.br

Apresenta-se, neste trabalho, a descrição de neologismos lexicais no Português Brasileiro, colhidos em textos publicitários, com a identificação dos processos de formação de palavras mais frequentes atualmente. O objetivo principal do trabalho é discutir alguns aspectos importantes relacionados à metodologia de ensino de léxico, a partir do estudo da neologia lexical, contribuindo para a reflexão sobre as estratégias usadas no ensino de português para estrangeiros.

ADERLANDE PEREIRA FERRAZ é Pós-Doutor em Linguística e professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil, onde desenvolve pesquisa sobre a criação lexical no português brasileiro contemporâneo. Atuou, durante o período letivo de 1989 a 1990, como professor de língua portuguesa na universidade Adam Mickiewicz, em Poznan, Polónia.

PAÍSES E REGIÕES LUSÓFONAS: A EXPERIÊNCIA DE UMA GRAMÁTICA PRÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA DO CÉU FONSECA

cf@uevora.pt

MARIA JOÃO MARÇALO

mjm@uevora.pt

As proponentes deste trabalho têm em curso a elaboração de uma gramática da língua portuguesa, destinada prioritariamente ao conjunto de PALOP e regiões lusófonas.

A comunicação que ora propõem pretende dar conta desta experiência de normalização da língua portuguesa que, pela especificidade do público-alvo privilegiado, se reveste de características particulares.

MARIA DO CÉU FONSECA é Professora auxiliar de nomeação definitiva do Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora. Investigação nas áreas de: historiografia linguística portuguesa e missionária; sintaxe e semântica do português. **Últimas publicações** nas áreas de investigação: (2006) *Historiografia Linguística Portuguesa e Missionária. Preposições e Posposições no Século XVII*. Lisboa: Colibri. (2007) *Acordos Gerais entre Brasil e Espanha, Portugal e Brasil*. Fórum da Língua Portuguesa no Contexto Ibérico, "Asociación de Profesores de Lengua Portuguesa en España". Madrid: Espanha (no prelo). (2007) *Gramáticas Filosófico-Gerais Portuguesas e Espanholas: aspectos sintácticos*. Congreso Internacional "Relaciones Lingüísticas y Literarias entre Portugal y España" de MARIA JOÃO MARÇALO é Professora auxiliar do Departamento de Linguística e Literaturas, da Universidade de Évora. Docente da Universidade de Évora desde 1987. Investigação nas áreas de: Linguística Geral, Linguística Aplicada, Linguística Contrastiva, Linguística do Português **Últimas publicações**: (2007) "As construções com se em Português: questões sintácticas e o dativo ético", in *Hikma- Revista da Universidad de Córdoba, Espanha*, nº 5, p. 111-126 (2007) "Dos chamados verbos «reflexivos e pronominais», *Revista Domínios de Linguagem*, <http://www.bricasite.com.br/sites/dominiosdelinguagem> (disponível on-line; revista com refrees) (2006), Introdução à Linguística Funcional, disponibilizado on-line pelo Instituto Camões, a partir da edição de 1992, em livro do antigo ICALP, já esgotada. (2005) *Fundamentos para uma gramática de funções aplicada ao Português*, Universidade de Évora, 501pp. Membro Integrado do Centro de Investigação em Linguística da Universidade Nova de Lisboa. Membro colaborador do Centro de Estudos em Letras UÉ-UTAD. Directora da Comissão de Curso de Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução. Membro eleito do Senado da Universidade de Évora.

EL-REI D. SEBASTIÃO : O MITO PORTUGUÊS

MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS

MANUEL JOSÉ SILVA

rosariogirao@clix.pt

Em finais de Oitocentos, o pessimismo impregnava o 'cosmorama' lusitano: vivia-se numa atmosfera de desencanto nacional e acreditava-se no regresso do Rei-Menino.

Se António Nobre consagrou a esta figura mítica de um mítico Império o Desejado, José Régio, em El-Rei D. Sebastião, e Natália Correia, em O Encoberto, não tardariam a perpetuá-la, na trajectória novecentista do Espaço e do Tempo, revelando que o mito lusitano (decadência e salvação), pelo dinamismo do seu imaginário, cedo se viria a cruzar com um outro... expresso pela saudade.

MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS doutorou-se em 1993 na Universidade do Minho com uma tese intitulada *À sombra de Baudelaire*. A recepção de Baudelaire na Literatura Portuguesa. De finais do Romantismo ao Modernismo. MANUEL JOSÉ SILVA doutorou-se em 1991 (“Doctorat d’État”) na Universidade de Caen (França), com uma tese intitulada *Quelques aspects de la complémentation verbale dans la phrase simple en français contemporain*.

ZIEMBIŃSKI NO TEATRO BRASILEIRO

ANDRÉ LUIS GOMES
andrelg.unb@uol.com.br

Um dos momentos mais importantes para o teatro brasileiro se dá em 28 de dezembro de 1943, com a estréia de *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues. Com esta montagem temos o encontro entre texto e encenação, para a qual Ziemiński contribuiu de forma significativa. Nosso objetivo é apresentar um breve estudo sobre a permanência de Ziemiński no Brasil, focando sua importância na implantação de uma estética renovadora para a cena nacional.

ANDRÉ LUIS GOMES é Professor do Depto. de Teoria Literária e Literaturas da UnB. Doutor em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP, onde defendeu a tese CLARICE EM CENA: AS RELAÇÕES ENTRE CLARICE LISPECTOR E O TEATRO. Publicou em livro a dissertação de mestrado Marcas de Nascimento. Atualmente, coordena o grupo de pesquisa Dramaturgia e crítica teatral.

DA SILÉSIA A PORTUGAL UMA VIAGEM FEITA DE IMAGENS DURANTE O RENASCIMENTO

CARLA ALEXANDRA GONÇALVES
carla@univ-ab.pt

A conferência que nos propomos realizar versa as relações mantidas entre Portugal e a Polónia, bem outros países limítrofes da Silésia, consubstanciada através da circulação de gravuras que, durante os séculos XV e XVI, deram a volta à Europa. De facto, a circulação de estampas e de gravuras foi, no âmbito da produção artística dos séculos em causa, particularmente nos capítulos da pintura e da escultura, um dos momentos mais significativos da globalização estética e cultural ocorrida durante os tempos do Humanismo.

Partindo do trabalho do escultor de Nuremberga Veit Stoss (em polaco Wit Stwosz, 1450-1533) e das suas relações com o pintor e gravador Albrecht Dürer, com o escultor e gravador Michael Wolgemut, entre outros artistas polacos e germânicos coevo, abrimos o caminho a uma profícua viagem que chega ao moderno e distante reino de Portugal em poucos anos.

CARLA ALEXANDRA GONÇALVES é Professora Auxiliar do Departamento de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Aberta, Portugal. Doutora em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de

Coimbra. Coordena o grupo de investigação de escultura na *Rede de Investigação, Inovação e Conhecimento* criada pela Câmara Municipal de Óbidos no âmbito do projecto de candidatura de Óbidos a Património Mundial. **Publicações mais relevantes:** «Os retábulos de pedra dos colégios da Rua da Sofia», *Revista Monumentos*, n.º 25, DGEMN, Lisboa, 2006; Gaspar Coelho, *um escultor do Maneirismo*, Livros Horizonte, Lisboa, 2001; *Psicologia da Arte*, Universidade Aberta, Lisboa, 2000.

DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA EM PORTUGAL NO DOBRAR DO MILÉNIO: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS

MIGUEL GONÇALVES
mgoncalves@braga.ucp.pt

As mudanças ocorridas no séc. XX transformaram indelevelmente a sociedade em que vivemos e criaram um contexto multicultural e multilinguístico em que estamos imersos. A consciência desta nova realidade levou o Conselho da Europa e a União Europeia a proporem que, em 2001, se comemorasse o Ano Europeu das línguas tendo como objectivos principais celebrar a diversidade linguística e cultural da Europa e incentivar todos os cidadãos a aprender mais línguas para além da sua língua materna. Portugal está hoje especialmente bem colocado para reflectir sobre este problema e reflectir no sentido de o minimizar.

MIGUEL GONÇALVES é doutor em Linguística Portuguesa, sendo nesta área que a sua participação em congressos (Portugal, Alemanha, Espanha, França, Bélgica, Áustria), colaboração em revistas (*Diacrítica*, *RPH*, *Revista de Investigación Lingüística*, *Estúdios Portugueses*) e enciclopédias (*Logos e Verbo*) se tem centrado particularmente. Dos cerca de quatro dezenas de trabalhos publicados destacamos: *Ironia verbal. Contributo para uma análise semântico-pragmática* (1993); *A interjeição em Português: contributo para uma abordagem em semântica discursiva* (2002); *Fonética e Fonologia do Português* (2007). É professor associado da Faculdade de Filosofia de Braga da UCP - Braga e Secretário (editor) da *Revista Portuguesa de Humanidades*.

AS CONDIÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS E LINGUÍSTICAS DE FORMAÇÃO DOS CRIoulos AFRICANOS (AS DIVERGÊNCIAS E AS CONVERGÊNCIAS ENTRE O GUINEENSE E O CRIULO DE CABO-VERDE)

BARBARA HLIBOWICKA-WĘGLARZ
bajaw@hotmail.pl

As línguas crioulas são sempre produtos e veículos das novas culturas que refletem os comportamentos das comunidades que vivem à margem das duas ou mais civilizações.

No caso do Guineense, as novas comunidades eram constituídas pela classe dos Europeus, classe socialmente dominante que falava melhor ou pior a língua portuguesa (comerciantes, administradores, missionários, luso-africanos, lançados), e pela classe muito mais numerosa dos africanos (grumetes, tangomas, filhos da terra) que falavam as diferentes línguas africanas de famílias Oeste-Africana e Mandé.

No caso do crioulo de Cabo-Verde, a situação parece muito semelhante mas apresen-

ta muitas características próprias. A posição do arquipélago, na encruzilhada de Europa, África e as Américas, era favorável ao comércio escravocrata e durante vários séculos Cabo-Verde funcionou como um entreposto dos escravos. Assim, os escravos eram capturados em grandes quantidades na Costa Ocidental de África, trazidos sobretudo a ilha de Santiago, landinizados e depois exportados para a Europa e a África do Sul. O crioulo que nasceu nessas terras era fruto de encontro de diferentes culturas africanas com a cultura europeia dos portugueses, resultado de negação dos mais elementares direitos sociais e culturais à população subjugada.

O objectivo da comunicação é não só analisar as condições sócio-históricas e linguísticas de formação de dois crioulos africanos: o Guineense e o crioulo de Cabo-Verde, mas também responder às perguntas em que grau se pode falar das divergências e das convergências entre as duas línguas crioulas em questão.

BARBARA HLIBOWICKA-WĘGLARZ é Directora do Centro de Língua Portuguesa do Instituto Camões (CLPIC) na Universidade Marie Curie Skłodowska (UMCS) em Lublin; Chefe do Departamento dos Estudos Portugueses na UMCS no Instituto de Filologia Românica da UMCS; Responsável pelo Exame CELPE-Bras na UMCS em Lublin.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL DO NÓ/TRAÇO [CORONAL] VOCÁLICO NA FONOLOGIA DO PORTUGUÊS EUROPEU

GUEORGUI HRISTOVSKY
ghristovsky@clul.ul.pt

No presente estudo apresento uma análise das alternâncias do Português Europeu que envolvem as sequências de /ej/ e /e/ seguido de [ʃ], [ʒ], [ʎ] ou [ɲ], no enquadramento teórico da Teoria da Optimidade (Prince e Smolensky 1993, [2002]).

Na introdução apresento o problema, as hipóteses de análise e trabalhos de autores que descreveram o fenómeno em outros enquadramentos.

A seguir, apresentamos exemplos relevantes, as restrições necessárias e discutimos as questões relativas à tipologia dos padrões na variação da sequência /ej/.

GUEORGUI HRISTOVSKY é Professor Auxiliar com nomeação definitiva no Departamento de Linguística Geral e Românica da FLUL, investigador no CLUL (membro do Grupo de Fala) e responsável do Centro de Línguas e Culturas Eslavas da FLUL. Trabalha em fonologia do Português e das Línguas Eslavas.

“AS SAIAS” COMO MANIFESTAÇÃO DO SER ALENTEJANO/SER PORTUGUÊS

GRAŻYNA JADWISZCZAK
porto@amu.edu.pl

A comunicação visa apresentar o fenómeno da dança-canção alentejana como uma confissão da identidade. Tenta traçar os seus limites históricas e geográficas, tenciona

descrever a sua forma musical e poética bem como a essência do “espectáculo”, propõe uma classificação das quadras segundo o seu conteúdo temático e, finalmente, debruça-se sobre o imaginário desta poesia popular. Indica o “único das saias” e o “típico alentejano/português” (inclusive umas pequenas amostras das músicas e das poesias das saias).

GRAZYNA JADWISZCZAK, entre 1983-88, foi aluna na Cátedra de Estudos Ibéricos da Universidade de Varsóvia; desde 1990 Professora de Português no Instituto de Filologia Românica da Universidade Adam Mickiewicz de Poznan; leitora oficial do Instituto Camões na Universidade de Poznan; coordenadora do Centro de Exames do CAPLE e coordenadora do programa Erasmus-Socrates entre a Universidade de Évora e a UAM.

ESTRANGEIRISMOS NAS REVISTAS PORTUGUESAS: OS EXEMPLOS DE ELLE E GQ

EDYTA JABŁONKA
ejablonka@wp.pl

1. O conceito de estrangeirismo.

Pelo termo estrangeirismo definimos todas as palavras estrangeiras que não estão integradas no léxico do português. É óbvio que as palavras de origem estrangeira passam por diversas transformações até se adaptarem do ponto de vista da fonética, da morfologia e da sintaxe. No entanto, não temos a certeza que estas palavras virão todas a ser integradas no léxico. Existem muitas palavras importadas de várias línguas que guardam o estatuto de estrangeirismo, sobretudo no caso de designarem as realidades específicas provenientes de outras culturas.

Lavouras Lopes e Rebello de Andrade (1997) afirmam que ao nível fonético existe sempre a adaptação de sons, assim, não se pode falar de estrangeirismos. Portanto, segundo as teorias de Freitas, Ramilo, Soalheiro, esta adaptação não implica o abandono do conceito de estrangeirismo. Estes autores apresentam um quadro geral do processo de integração dos estrangeirismos que se compõe de várias fases de adaptação fonética e morfo-sintáctica.

2. Os estrangeirismos nas revistas portuguesas femininas e masculinas.

Ao ler as revistas contemporâneas, reparamos no grande número de estrangeirismos, o que, na nossa opinião, pode ser inquietante para o futuro da língua portuguesa. Dominam as palavras inglesas, mas encontramos ainda algumas palavras francesas e italianas. Não obstante, o inglês é uma língua que tem muito mais influência do que as outras. Este fenómeno é visível nas revistas que analisamos muito detalhadamente.

Na GQ logo na capa encontramos dois estrangeirismos: *cheerleaders* e *experts*. No sumário aparecem dez, dos quais um é de origem francesa (*motards*) e os outros são de origem inglesa (*single, gentleman, shopping, English breakfast, design, superbikes, slot machines, boxers, must-know*). A mesma situação aparece na revista Elle que também possui na capa dois estrangeirismos (*shopping, passerelle*) e no sumário – catorze (*fashion,*

vip's, in, it list, flash, instyle, softrock, hot, néon, look, glamour).

A seguir, apresentaremos um quadro geral com estrangeirismos divididos segundo a sua origem e as áreas nas quais são usados mais frequentemente, como moda, culinária, informática, técnica.

3. Considerações finais.

Com este trabalho, procuramos demonstrar que os estrangeirismos têm a influência cada vez mais forte na língua portuguesa. Encontramos até as frases inteiras em inglês, não apenas as palavras separadas. Por outro lado, este fenómeno faz-nos crer que o público-alvo das revistas domina os idiomas estrangeiros no nível suficiente para compreender todos os estrangeirismos. Portanto, reparámos nos casos em que as palavras inglesas tinham explicações em português entre parênteses, o que prova que alguns vocábulos podem ser demasiado difíceis para os leitores. Na nossa opinião, o uso dos estrangeirismos nas revistas é exagerado e devia-se reflectir nos métodos de reduzi-lo.

EDYTA JABŁONKA, doutorada em linguística portuguesa, actualmente trabalha na Universidade Maria Curie Skłodowska (Zakład Języka i Kultury Portugalskiej Instytut Filologii Romańskiej). Lecciona língua portuguesa e história da língua portuguesa. Membro da Associação Internacional de Lusitanistas e de American Portuguese Studies Association.

QUEM MATOU O BRANCO EM VINTE E ZINCO DE MIA COUTO? O SER OU NÃO SER DAS DUAS CULTURAS NUM DRAMA (QUASE) SEM CATARSE

ANNA KALEWSKA
a.kalewska@uw.edu.pl

Teatro de D. Maria II em Lisboa abriu o palco para a Lusofonia. Em 25 de Abril de 2007 levou à cena a novela de Mía Couto, escrita em 1999, sobre os *Vinte e Zinco*, ou os «negros pobres que vivem na madeira e zinco», e cujo futuro ainda está por vir. *Vinte e Zinco* não é apenas uma reflexão como a revolução dos cravos foi vivida por negros e brancos em Moçambique, entre 19 e 30 de Abril de 1974, os dias que precederam e sucederam os acontecimentos que abalaram o mundo lusófono.

As duas “estórias”: do moçambicano cego Andaré Tchuisco, pintor das paredes da mesma prisão pidesca em que se consomem os crimes perpetrados pelo protagonista, um polícia da PIDE do nome de Lourenço de Castro exemplificam a tragédia da dúvida e do desespero de moçambicanos e portugueses divididos e unidos pelo colonialismo.

Vinte e Zinco é um verdadeiro drama do não entendimento das duas culturas, da multiculturalidade frustrada e impossível, da relação entre as duas raças ainda por re-dimir, aprender e construir. Assistimos a um drama de «cada qual que mata o da sua raça», do colonizador e do colonizado. Uma peça quase sem catarse, um conflito de que Portugal não se libertou, um mundo de vivos-mortos e das suas sombras desenhadas no tempo.

ANNA KALEWSKA é doutora de segundo grau (Habilitação em 2006), Professora Adjunta no Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia. Investigadora de literatura e do teatro de expressão portuguesa e de literatura comparada. Autora dos livros *Camões, czyli tryumf epiki (Camões, ou o triunfo da épica)*, 1999 e *Baltasar Dias e as metamorfoses do discurso dramaturgico em Portugal e nas Ilhas de São Tomé e Príncipe. Ensaio histórico-literário e anropológico*, 2005, na Editora Universitária de Varsóvia e a tradução de *As Naus (Karawele wracają)* de António Lobo Antunes, Editora WAB, Varsóvia 2002. Publicou quase uma centena de trabalhos de investigação e de inspiração literária em polaco e em português, nas revistas polacas e na Revista *VEREDAS* da A.I.L. Membro da CompaRes. Vive em Varsóvia.

DIÁLOGOS COM A OUTRA MARGEM MEDIAÇÃO DOS ARABISTAS PORTUGUESES NOS SÉCULOS XVIII E XIX

EVA-MARIA VON KEMNITZ
rmron.pessoal@gmail.com

Em Portugal do século XVIII, olhar o Estreito para além do horizonte, foi pensar estratégia para o Norte de África em moldes diferentes dos de fazer guerra. Foi um modo de encarar as relações com aquele espaço em termos de negociações que permitiram concluir tratados e assentar as relações mutuas na base de diplomacia.

Os arabistas portugueses, graças aos conhecimentos de língua árabe e das realidades sócio-políticas e económicas daquela região puderam assegurar a mediação eficaz nesses contactos e contribuir para a consolidação das boas relações de vizinhança na sequência da conclusão de tratados de paz com Marrocos (1774) e com as Regências de Trípoli (1799), com a de Argel (1813) e apenas das tréguas com a Regência de Tunes (1799).

Os relatos das missões em que participaram trazem achegas interessantes acerca do diálogo com o “Outro”, fazendo deles precursores do hodierno diálogo euro-mediterânico. Damos voz a Fr. João de Sousa (1732?-1812), Fr. José de Santo António Moura (1768-1840) e Fr. Manuel Rebelo da Silva (1770-1849).

EVA-MARIA VON KEMNITZ nasceu em Varsóvia, em 1950. **Formação académica:** Mestre em Filologia Oriental (Estudos Árabes e Islâmicos), Universidade de Varsóvia, 1976; Conservadora de Museu – Curso APOM/ESBAL/IFPE, Academia de Belas Artes, Lisboa, 1989-1991; Gestora das Artes - Instituto Nacional de Administração, Oeiras, 1991-1992; Doutorada em História das Ideias, Universidade Nova de Lisboa (2006) – tese sobre “O Orientalismo em Portugal no contexto europeu e no das relações luso-magrebina, séculos XVIII e XIX”. **Experiência profissional:** No âmbito académico Docente em vários cursos do âmbito da civilização árabe-islâmica, correntemente na Universidade Católica Portuguesa, Lisboa – Curso de Pós-Graduação em Estudos Orientais (desde 2002); Comissária Científica do Seminário Internacional sobre o Mundo Árabe Contemporâneo, CULTURGEST, Lisboa, 1997. **Publicações monográficas:** (1976), “Tradycje kultury arabsko-muzulmanskiej w Portugalii” (Tradições da Cultura Árabe-Muçulmana em Portugal), *Tese de Mestrado*, Texto policopiado, Universidade de Varsóvia. (1988), “Les Études Arabes au Portugal”, *Rocznik Orientalistyczny*, Warszawa, T.XLVI, Z.1, 1988, pp.79-95. Uma versão ampliada e actualizada: “Estudos Árabes em Portugal - um Ensaio Histórico-Crítico”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Julho-Dezembro de 1987, pp. 19-37. (1998), “O Panorama das Coleções Museológicas Islâmicas em Portugal” in *Portugal Islâmico. Os Últimos Sinais do Mediterrâneo, Catálogo*, Lisboa, Ministério da Cultura, IPM, MNA, pp. 307-321. (2003), “Moroccan Envoys in Portugal (XVIIIth and XIXth Centuries)” in *PELLITTERI, Antonino (coord.), Magaz, Culture e Contacti nell'area del Mediterraneo. Il Ruolo dell'Islam, Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università di Palermo*, pp. 179-190.

PARA UM FEMINISMO ANACRÓNICO

ANNA KŁOBUCKA
aklobucka@umassd.edu

Esta apresentação procurará formular as coordenadas de um possível modelo de teoria e crítica literária feminista que seja política e epistemologicamente viável no contexto português da actualidade. Trata-se de um feminismo *anacrónico* que, não cabendo nos moldes de desenvolvimento histórico que formaram o feminismo ocidental nos países onde este floresceu da forma mais influente, busca na própria tradição literária e cultural a inspiração fértil e revelante para a sua auto-definição.

ANNA KŁOBUCKA é professora catedrática no Departamento de Português da Universidade de Massachusetts Dartmouth (EUA). As suas publicações mais recentes são *Mariana Alcoforado: Formação de um Mito Cultural* (IN-CM 2006) e (co-org.) *Embodying Pessoa: Corporeality, Gender, Sexuality* (Toronto UP, 2007).

CONSTITUIÇÕES PORTUGUESAS E O PENSAMENTO POLÍTICO NA RÚSSIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

KOVALEV KONSTANTIN
kovalev_kv@mail.ru

A Carta Constitucional de Portugal de 1826 e a primeira Constituição republicana de 1911 chamaram atenção na Rússia respectivamente em 1905 na véspera das eleições para a I Duma de Estado e em 1917 pouco antes das eleições para a Assembleia Constituinte. Foram publicadas três traduções da Carta Constitucional e uma da Constituição de 1911. Todas essas edições foram acompanhadas de breves ensaios, escritos pelos notáveis cientistas russos, pode-se citar os nomes de Ivan Lutchitsky e Vladimir Guessen. No comunicado pretende-se expôr as ideias políticas deles ligados com a história moderna tanto de Portugal como da Rússia. No comunicado vão ser estudadas as ligações do pensamento político de Ivan Lutchitsky com a interpretação da Carta Constitucional, feita pelo seu colega Vladimir Piskorsky na “História de Espanha e de Portugal” que foi escrita em 1909.

Kovalev Konstantin, professor assistente da Cátedra das Línguas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade Estatal de São Petersburgo.

O PAPEL DA TELEVISÃO RTP E DA RTP INTERNACIONAL NA DIVULGAÇÃO DA CULTURA E LÍNGUA PORTUGUESAS

AGNIESZKA KOROB CZAK
kusmi@uni.wroc.pl
MICHAŁ KUŚ
kusmi@uni.wroc.pl

Em 2007 a televisão portuguesa pública RTP celebra 50 anos da sua existência. Ao

mesmo tempo a RTP Internacional comemora 15 ° aniversário. A RTP Internacional foi o primeiro canal mundial, em Língua Portuguesa, com transmissão via satélite para o mundo inteiro. Sem dúvida, isto é uma boa oportunidade para analisar o papel da televisão pública - especialmente o papel da já mencionada RTP Internacional - como o instrumento da promoção da cultura e língua portuguesas.

AGNIESZKA KOROBCZAK é Mestre em Filologia Românica, Universidade de Wrocław, especialidade luso-espanhola (Tese de licenciatura: Fado de Coimbra. Seu significado ontem e hoje); professora de espanhol e de português no Centro do Ensino Práctico de Línguas Estrangeiras da Universidade de Wrocław.

MICHAŁ KUŚ é Mestre em Ciências Políticas (Universidade de Wrocław); estudante de doutoramento na Universidade de Wrocław (Faculdade de Ciências Sociais - Departamento de Comunicação Social e Jornalismo); o interesse da investigação: sistema dos meios de comunicação electrónicos na Europa do Sul.

A RESISTÊNCIA LUSO-BRASILEIRA AOS HOLANDESES: IMAGINÁRIO E IDENTIDADE

TERESA LACERDA
teresaplacerda@hotmail.com

Em 1630, os Holandeses estabeleciam-se no nordeste brasileiro, desapossando as autoridades portuguesas. Porém, a presença lusa tinha ganho raízes, sobretudo, através de um processo de mestiçagem biológica, mas também cultural. A resistência aos neerlandeses partiu de uma maioria de negros, mulatos e mestiços de todas as espécies. A resistência luso-brasileira aos Holandeses só se pode compreender à luz das primeiras manifestações da «identidade brasileira lusófona» que a distingue hoje da restante América Latina. Com esta comunicação pretendemos expor as linhas primordiais dessa identidade e no que nela existe do imaginário lusófono.

TERESA LACERDA é mestre em História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa (sécs. XV-XVIII) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Desde 2001, investigadora do Centro de História de Além-Mar. Publicou, em co-autoria com João Paulo Oliveira e Costa, um estudo sobre *A Interculturalidade e a Expansão Portuguesa (Séculos XV-XVIII)*, 2007.

O RUMOR DE VERSOS ANTIGOS: A PRESENÇA DE WALT WHITMAN NA POESIA DE EUGÉNIO DE ANDRADE

JOÃO DE MANCELOS
mancelos@gmail.com

A poesia de Eugénio de Andrade foi permeável à influência de diversos autores nacionais e estrangeiros. Entre estes, destaca-se o poeta norte-americano Walt Whitman. Nesta comunicação, identifiquei marcas temáticas e intertextuais, para mostrar como Eugénio e Whitman partilham ideias semelhantes acerca de: a) unidade cósmica; b) igual

importância entre o corpo e o espírito; c) a poesia como força social e política. Invocando a obra de ambos os autores e estudos de críticos reputados, demonstrarei como Eugénio apropria criativamente a obra whitmaniana.

JOÃO DE MANCELOS é licenciado em Estudos Portugueses/Ingleses, mestre em Estudos Anglo-Americanos, doutorado em Literatura Norte-Americana, e tem duas especializações em Escrita Criativa e Cinema. Encontra-se a elaborar pós-doutoramento sobre a influência de escritores de língua inglesa na obra de Eugénio de Andrade. É docente na Universidade Católica (Viseu).

TRADIÇÃO E GLOBALIZAÇÃO, DUAS GRANDEZAS ANTAGÓNICAS?

O ROMANCE COELHO-PATO E A FICCIONALIZAÇÃO DA LUSOFONIA

JOÃO FERNANDO MANUEL

jf.manuel@snet.co.ao

A prática da circuncisão, remonta do antigo Egipto e se estende pela África, através do Nilo. O velho testamento tem relatos, segundo os quais o povo Hebreu, em êxodo para terra prometida, praticava a circuncisão.

O ritual da circuncisão, na concepção filosófica dos bantu, apresenta como causa e finalidade dois momentos muito importantes, que vale a pena aqui realçar:

1- Subir a ablação do prepúcio, que tomara a superfície da glândula totalmente descoberta. Essa análise conduz-nos à fins procriativos por via do prazer estimulado pelo aumento do tempo de coito.

2- Como acto iniciático educativo, é o caminho para aquisição do novo estatuto social que lhe permitirá aprender a exercitar a solidariedade, sentimento comum nas comunidades rurais.

GIORGIO DE MARCHIS

gdemarch@unisa.it

A comunicação pretende analisar alguns romances, recentemente publicados por autores portugueses, brasileiros e angolanos, que recorrem à variabilidade diatópica da língua portuguesa para caracterizar e tornar imediatamente reconhecíveis as próprias personagens. Neste sentido, tendo em conta que as obras em questão (O ano em que Zumbi tomou o Rio de José Eduardo Agualusa, Transatlântico de Paulo Nogueira e Longe de Manaus de Francisco José Viegas) apareceram nos últimos anos, tentar-se-á interpretá-las como as primeiras manifestações literárias dum imaginário lusófono, directamente ligado à instituição da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

GIORGIO DE MARCHIS é professor de Literatura portuguesa e brasileira na Universidade de Salerno (www.unisa.it). Doutorada em *Iberistica* pela Universidade de Bolonha, as suas principais áreas de investigação são:

a ficção portuguesa e lusófona dos séculos XIX e XX e o Modernismo português. Actualmente está a preparar um estudo sobre o romance-folhetim em Portugal.

A SÍNDROME DO POETA: UMA INCURSÃO NA CULTURA LUSÓFONA ATRAVÉS DA POESIA DE CECÍLIA MEIRELES E FLORBELA ESPANCA

FABIO MARIO DA SILVA
famamario@gmail.com

Configurando-se como as primeiras poetisas da História canónica da Literatura Luso-brasileira, Cecília Meireles (1901-1964) e Florbela Espanca (1894-1930) trazem em muitos de seus textos líricos uma busca, através do sujeito poético, da figura clássica do Poeta. Diante da negação aos valores de textos produzidos por mulheres e do patriarcalismo da cultura lusófona, eclodem na poesia de Florbela e Cecília resquícios da herança e do peso da cultura em que estão inseridas: por exemplo, valorizam as suas construções poéticas assumindo-as sob a posição do substantivo masculino, Poeta, como forma de qualificação e de afirmação do eu lírico. Cecília, assim, escreve num poema intitulado “Motivo”: “Não sou alegre nem sou triste:/ sou poeta.” e, Florbela, no soneto, “Ser poeta”: “Ser poeta é ser mais alto, é ser maior...”

Diferentemente da cultura francesa - em que, já no final do século XVIII, encontramos a presença de uma poetisa na História canónica da Literatura francesa, com Madame de Staël (1766-1817) - na cultura luso-brasileira o processo se dará muito tarde. Em Portugal, Florbela Espanca, a duras penas, encontra-se, apesar de algumas ressalvas, na História da Literatura. Já Cecília Meireles está de forma mais clara e unânime na História da Literatura Brasileira. As duas escritoras surgem no período de florescimento de movimentos feministas, surgindo quase simultaneamente no Brasil e em Portugal: final do século XIX e começo do século XX, retraindo-se e ressurgindo, durante e depois da ditadura militar dos dois países. As coincidências não param por aí: ambas lançam seus primeiros livros em 1919: a poetisa brasileira com *Espetros*, a portuguesa com o *Livro de Mágoas*.

A morte é outro factor presente na vida das duas escritoras que, desde cedo, perderam familiares. Cecília possui uma obra mais extensa que Florbela, facto devido aos seus longos anos, 63, que se contrapõe aos 36 da poetisa portuguesa. Cada uma viveu e encarou a morte de uma perspectiva diferente.

Neste trabalho, analisaremos, especificamente, o trato dado pelas autoras à representação auto-referencial do sujeito poético. O significante Poeta aparece em muitos de seus poemas, com o peso da figura masculina do Poeta. Seria por falta de um convido espelho feminino? Os poetas têm sexo?

O que promoveremos é uma reflexão a partir dessas questões, observando, igualmente, os meios sociais e culturais em que inserem estas duas autoras - os primeiros ícones da poesia produzida por mulheres na história canónica literária dos dois países.

FÁBIO MARIO DA SILVA é mestrando em Estudos Lusófonos pela Universidade de Évora, desenvolve pesquisa sobre a poesia de Florbela Espanca com a orientação da Professora Doutora Ana Luísa Vilela. Tem publicado um artigo intitulado “Entre o Bem e o Mal: a visão da condição humana através do conto “A igreja do diabo” de Machado de Assis”, IN: Tavares, Edson (org), Leituras Literárias Partilhadas: estudo temáticos de autores brasileiros, 1º ed., João Pessoa, Idéias, 2006.

AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM CONTOS DA MONTANHA DE MIGUEL TORGA

MARIA ALDINA MARQUES
mamarques@ilch.uminho.pt

As relações interpessoais, criadas em cada interação verbal constituem uma dimensão fundamental da construção discursiva.

Em *Contos da Montanha*, Miguel Torga retrata/cria uma sociedade rural que se alimenta, literalmente mas também metaforicamente, da seiva da terra. A estrutura social é simples.

As formas de tratamento, em particular, mostram a especificidade das relações interpessoais, que irei analisar, de acordo com os eixos de distância, poder e conflito/consenso, que propõe Catherine Kerbrat-Orecchioni na sequência de Brown e Levinson (1987).

MARIA ALDINA MARQUES tem um Doutoramento em Ciências da Linguagem, ramo de Linguística Portuguesa, pela Universidade do Minho, em 2000. **PUBLICAÇÕES** *Funcionamento do Discurso Político Parlamentar – a organização enunciativa no Debate da Interpelação ao Governo*. (colecção Poliedro). CEHUM – Universidade do Minho (2000).

A IMAGEM DA LITERATURA BRASILEIRA NA CRÍTICA PRESENCISTA

ENRICO MARTINES
enrico@martines@unipr.it

O trabalho pretende analisar o acolhimento da nova produção literária brasileira por parte dos críticos da revista *Presença*, publicação pioneira na valorização dos novos valores oriundos da grande nação de língua portuguesa. A acção da crítica presenciata – sobretudo a de Adolfo Casais Monteiro – é ainda mais importante porque constituiu uma ponte entre dois movimentos modernistas que tinham características e objectivos bem diferentes e que por várias razões pareciam ignorar-se. O espaço que a revista coimbrã dedicou à literatura brasileira reflecte a imagem que a leitura das suas obras produzira aquém do oceano.

ENRICO MARTINES nasceu em Roma a 11-6-1966. Licenciado em 1994, a sua principal área de investigação tem sido o modernismo português. Publicou a edição das *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da Presença* e estudos de crítica genética sobre a poesia de José Régio. É investigador e docente de Literatura Portuguesa na Universidade de Parma.

MÁRIO DE CARVALHO E O RETRATO IRÓNICO DA PÁTRIA LUSITANA: A IRONIA, A PARÓDIA E O DESENCANTAMENTO

J. CÂNDIDO OLIVEIRA MARTINS
cmartins@braga.ucp.pt

A obra deste ficcionista português actual, “Fantasia para Dois Coronéis e uma Piscina” (2003), tem a particularidade de incidir sobre a questão do modo de ser português na contemporaneidade. A narrativa é um retrato irónico do Portugal de hoje e da sua identidade. Num registo frequentemente irónico e satírico, e recorrendo ainda ao discurso parodístico, é uma alegoria cómica e desencantada de um país. O livro de M. Carvalho é também um notável exercício de mestria verbal e estilística.

J. CÂNDIDO DE OLIVEIRA MARTINS é doutorado em Teoria da Literatura. Livros: *Teoria da Paródia Surrealista* (1995); *Para uma Leitura de ‘Maria Moisés’ de Camilo Castelo Branco* (1997); *Naufrágio de Sepúlveda. Texto e Intertexto* (1997); e *Fidelino de Figueiredo e a Crítica da Teoria Literária Positivista* (2007).

TIPOLOGIA DOS DICIONÁRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA NA ÁFRICA LUSÓGRAFA

FRANÇOISE MASSA
francoise.massa@wanadoo.fr

Quando em 1969 integramos as literaturas lusógrafas africanas no currículo dos estudos portugueses da nossa universidade, encontramos dificuldades para compreender um certo número de vocábulos. Faltavam dicionários. Assim nasceu o projecto de inventariar as peculiaridades da língua escrita nas ex-colónias portuguesas da África. Rapidamente os nossos glossários se tornaram enciclopédicos. Uma necessidade para abranger as particularidades da flora, da fauna, culturais, etc... Já publicámos três dicionários : Guiné Bissau, 1991; São Tomé e Príncipe, 1998; ambos esgotados. Em 2001, saiu o dicionário de Cabo Verde (400 páginas) cuja apresentação vai ser o objecto da nossa comunicação.

FRANÇOISE MASSA é Professora catedrática emérita na Université de Haute Bretagne – Rennes 2. **Teses:** *Alexandre Bréthel, pharmacien et planteur breton au Carangola, correspondance d'un émigré breton au Brésil*, 1860-1901, Paris, Klincksieck, 1977. *Les folles années du Wolfram au Portugal et leur reflet dans la littérature* (1939-1960) 2 vol., 1985. Vários artigos sobre a literatura portuguesa. (Gil Vicente, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Aquilino Ribeiro etc...). Vários artigos sobre a literatura de Angola (Pepetela). Tradutora de Manuel Lopes e Henrique Teixeira de Sousa. Co-autora dos três dicionários bilingue e enciclopédicos sobre a Guiné Bissau (1991) S.Tomé e Príncipe (1996) (ambos esgotados) e Cabo Verde (2001) e da colecção *Patri-mónio Lusógrafa Africano: Duplessis, Relation journalière* – Rendall, *Guia de Cabo Verde* – Dias, *Essai sur la lithotricie*, edições trilingue ou bilingue, Rennes, 2003. Organizadora de três colóquios internacionais com actas publicadas: *Les îles atlantique – réalités et imaginaire* (Rennes, 2001). *Cap-Vert – 25 ans* (Septembre 2002). *Le Portugal et l’Espagne dans leurs rapports avec les Afriques continentale et insulaire* (Avril 2005).

O SURTO DA LITERATURA CABO VERDIANA NO ALMAQUE LUSOBRASILEIRO DE LEMBRANÇAS (1851-1900)

FRANÇOISE E JEAN-MICHEL MASSA
francoise.massa@wanadoo.fr

No século XIX existem no mundo inteiro muitos almanaques. Destacamos o “Almanaque Luso-brasileiro de Lembranças” (1851-1936). Foi um viveiro para as literaturas portuguesa e brasileira. foi o lugar de estreia de muitos escritores. No que diz respeito à África, já que temos na nossa universidade uma colecção completa, reunimos muitos textos de origem cabo-verdiana: poesia, conto, crónica, reportagem. Os referidos textos constituem um património interessante que permite antecipar o surto da literatura de Cabo Verde, bem antes da revista “Claridade”.

JEAN-MICHEL MASSA é Professor catedrático emérito na Université de Haute Bretagne-Rennes 2. Teses de doutoramento sobre Machado de Assis, 1969, *La jeunesse de Machado de Assis, essai de biographie intellectuelle*, 2 vol., traduzida no Brasil em 1971 (Civilização Brasileira). Tese complementar *Machado de Assis traducteur*, 2 vol. *Bibliographie descriptive, analytique et critique de Machado de Assis* (1957-1958), Rio, Livraria S. José. *Dispersos de Machado de Assis*, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro. E mais uns trinta artigos sobre Machado de Assis. Ensaio sobre Manuel António de Almeida, José de Alencar. *Reunião-Réunion*, tradução bilingue de Carlos Drummond de Andrade, Paris, Aubier 1973. No sector da lusografia africana, junto com Françoise Massa, direcção duma equipa do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique) de 1986 à 1999: *Afrique de Langue Portugaise*. Publicações: Três dicionários bilingue e enciclopédicos sobre a Guiné Bisau (1991) S. Tomé e Príncipe (1996) (ambos esgotados) e Cabo Verde (2001). Colecção *Património Lusografo Africano*: Duplessis, *Relation journalière* – Rendall, *Guia de Cabo Verde* – Dias, *Essai sur la lithotricie*, edições trilingue ou bilingue, Rennes, 2003. Todos os livros têm como co-autora Françoise Massa.

A MÚSICA COMO IDENTIDADE CULTURAL: O RAP PORTUGUÊS

PEDRO MARTINS
pscmartins@gmail.com

A música enquanto arte de conjugar sons de forma melodiosa, exprimindo e evocando determinadas emoções ou realidade, constitui por si só uma linguagem universal.

Simultaneamente, porém, concorre igualmente para a representação da identidade cultural de uma comunidade, país ou nação. O Rap português, outrora apenas característico de sociedades geográfica e culturalmente distantes de Portugal, é, neste momento, imprescindível para a descrição do contexto multi- e intercultural da música portuguesa contemporânea.

Procuraremos, por isso, a partir de exemplos concretos, suscitar alguns dos principais aspectos daquele estilo musical, relevando, em especial, a sua contextualização e participação na “nova” identidade cultural portuguesa.

PEDRO MARTINS fez estudos pós-graduados em Língua e Cultura Portuguesa - Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras (2006); Licenciatura em Línguas e Culturas do Mundo Moderno - Universidade de Roma

“La Sapienza”, Faculdade de Letras e Filosofia (2005); Licenciatura em Direito - Universidade de Lisboa, Faculdade de Direito (2002). É Docente de Língua e Cultura Portuguesa - Universidade de Siena, Faculdade de Letras e Filosofia; Consultor - Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras / Fundação Calouste Gulbenkian; Tradutor free-lance (Português, Italiano, Inglês, Alemão).

A AULA DE LITERATURA COMO TEMPO DE REINVENÇÃO DO DIÁLOGO INTERCULTURAL

INOCÊNCIA MATA
mata.inocencia@gmail.com

Como professora de literaturas africanas de língua portuguesa, afinal que se inscrevem numa língua de destino multicultural, este tema pode suscitar duas questões: em que medida o ensino das literaturas dos países de língua oficial portuguesa (e, repare-se, não digo “literaturas africanas de língua portuguesa”) pode considerar-se tempo de aprendizagem do outro apenas diverso? Universo privilegiado de reinvenção da diferença, a literatura é, simultaneamente, também lugar de entendimento intercultural, porque proporciona multiplicação de laços culturais, divulgação do outro e consequente partilha de especificidades (e não necessariamente de rarefacção identitária).

O objectivo desta reflexão é interrogar como pode o espaço da aula dessas literaturas funcionar também como tempo intercultural, isto é, de aprendizagem do outro e de dissolução de uma monolítica estrangeiridade, sem que o objecto de estudo (as obras e os autores africanos) se transforme em objecto de um projecto homogeneizante a que não raro se chama lusofonia.

INOCÊNCIA MATA é professora de Literatura, Literaturas Pós-coloniais Comparadas, Estudos Literários e Língua e Interculturalidade na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É igualmente professora convidada de muitas universidades portuguesas e estrangeiras, com trabalhos publicados em revistas de especialidade nacionais e estrangeiras. A sua actual área de pesquisa em Literaturas Africanas centra-se na questão do Pós-colonialismo e nos processos de encontro cultural e contextos multiculturais, investigação que desenvolve no seminário de Mestrado que orienta sobre Multiculturalismo e Dinâmicas Interculturais.

PENSAMENTO POÉTICO DE PASCOAES: MARÂNUS: 3ª COSMOGONIA

ARMINDO MESQUITA
armesqui@utad.pt

Por ser, acima de tudo, pensamento, a poesia pascoaesiana é profunda e de difícil acesso, onde se harmonizam o paganismo e o cristianismo num humanismo transcendente, impregnado de panteísmo naturalista, fazendo de Pascoaes um dos maiores poetas da língua portuguesa

Em termos místicos, Marânus é a cosmificação de um novo universo, mas de origem portuguesa, ao contrário das primeira e segunda cosmogonias de procedência hebraica e romana.

ARMINDO MESQUITA é professor associado da UTAD. Doutorado pela Universidade de Salamanca com a tese “Simbolismo e espiritualidade na poesia de Teixeira de Pascoaes”. É Director do curso de mestrado em Literatura Infanto-Juvenil e Presidente do Observatório da Literatura Infanto-Juvenil.

PAISAGENS CULTURAIS EM LUANDINO VIEIRA

FERNANDO ALBERTO TORRES MOREIRA
fmoreira@utad.pt

Luandino Vieira é um exímio contador de histórias. As suas narrativas curtas oferecem-nos uma visão quase antropológica das vivências nos bairros angolanos, onde sobressaem as actividades quotidianas dos moradores, as tradições, o sistema racial e onde ainda se vive a herança da colonização portuguesa. Luandino foi um dos primeiros escritores de narrativa a inovar em termos linguísticos e a utilizar a recriação verbal como forma de identidade cultural dos habitantes dos musseques, um universo cultural com inúmeras línguas étnicas e práticas tradicionais.

FERNANDO ALBERTO TORRES MOREIRA é doutorado em Cultura Portuguesa e professor agregado em Cultura Portuguesa; **Livros:** *Filinto Elísio: o exílio ou o regresso impossível* (2000); *Poesia epigramática de Filinto Elísio* (2005); *Livro das Confissões I* (ed.; 2005); *Livro das Confissões II* (ed.; 2005).

A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO E O ENSINO-APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS E DE CULTURA BRASILEIRA

JERÔNIMO RODRIGUES DE MORAES NETO
jemoraesneto@terra.com.br

O objetivo deste trabalho é discutir a aquisição da linguagem em relação ao Português – Língua Estrangeira, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Cooperação Internacional, através de seus convênios. O desafio de fazer falar Português os alunos conveniados, estimulou-nos a elaborar material, já pronto para publicação. Sua metodologia e as atividades em sala-de-aula constituem objeto de pesquisa para a produção escrita, a compreensão auditiva e a cultura brasileira.

JERÔNIMO RODRIGUES DE MORAES NETO é professor-adjunto da UERJ e da UFRJ, Pós –Doutor pela Université de La Rochelle, Doutor pela Universidade de São Paulo - USP, Mestre pela Université de Nantes. Foi Delegado do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro. Atualmente é Diretor do Departamento de Cooperação Internacional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ONDJAKI: O ASSOBIADOR DE IMAGINÁRIOS

ANABELA DINIS BRANCO DE OLIVEIRA

aoliveir@utad.pt

Em *Momentos de aqui, Quantas madrugada tem a noite, E se amanhã o medo, Bom dia camaradas, Há prendisagens com o Xão, Ynari, a menina das cinco tranças e O assobiador*, Ondjaki projecta novos olhares sobre a guerra, as novas personagens e os novos imaginários de uma Angola em constante interrogação. No percurso dos poemas, contos e romances, analisar-se-á o cruzamento com os olhares distantes de João de Melo e António Lobo Antunes.

ANABELA DINIS BRANCO DE OLIVEIRA é doutorada em Literatura Comparada e professora auxiliar. **Livros:** *Entre Vozes e Imagens* - A presença das imagens cinematográficas nas múltiplas vozes do romance português (anos 70-90). Edições Pena Perfeita (2007).

O DESAFIO DO RESGATE DO SUBSTRATO INDO DA CULTURA LUSÓFONA E A PERSPECTIVA DO VIGOR DA NÃO-VIOLÊNCIA

EVANDRO VIEIRA OURIQUES

evouriques@terra.com.br

Quais os efeitos para a superação da violência estrutural que podem advir do resgate do substrato indo, marcado pela unidade na diversidade, pelo princípio de não-agressão ao ambiente natural, linguístico e social, pela luta não-violenta frente à invasão? Na cultura atual de iniquidade, é decisivo resgatar esta subjetividade, que reforça a aliança Sul-Sul. Como o espírito singular de tolerância hindu, síntese cultural alcançada há milênios, nos ajudaria, graças à capacidade ocidental de auto-reflexão e autocrítica, a compreender melhor nossa situação e a agir para transformá-la?

EVANDRO VIEIRA OURIQUES é Cientista político, jornalista e terapeuta, é Doutor em Comunicação e Cultura-UFRJ, coordenador do Núcleo de Estudos Transdisciplinares de Comunicação e Consciência e orientador de pesquisas de pós-doutorado no PACC.UFRJ. Seu campo é a relação Comunicação, Subjetividade e Não-violência.

O PARADIGMA COGNITIVO E O ENSINO DO PORTUGUÊS

BOŻENA PAPIS

bopapis@poczta.onet.pl

A comunicação visa reflectir sobre possíveis implicações e aplicações da linguística cognitiva no ensino do português. Na senda deste propósito, a comunicação terá como objectivos:

- a) Descrever as principais premissas do paradigma cognitivo;
- b) Discutir as suas implicações na perspetivação da linguagem e no processo de ensino/aprendizagem;
- c) Apresentar uma experiência de aplicação pedagógica inspirada em princípios cognitivos;
- d) Avaliar os benefícios dessa experiência e preconizar futuros domínios de interesse, no âmbito de uma linguística cognitiva aplicada.

BOŽENNA PAPIS é licenciada em Filologia Ibérica pela Universidade de Varsóvia, com longa experiência como docente de português na mesma Universidade, autora de artigos em *Acta Philologica* no 30 de 2004: *Konkordancje odkrywane na nowo* e no 32 de 2006: *Três exemplos dos verbos de precepção visual em português, estudo cognitivo*.

ESCRITAS NEO-REALISTAS: CARLOS DE OLIVEIRA E GRACILIANO RAMOS

PETAR PETROV
ppetrov@ualg.pt

Do ponto de vista da periodização das Literaturas Portuguesa e Brasileira, torna-se possível estabelecer semelhanças entre a produção de determinados autores, filiados em certas correntes e estilos de época, com base em analogias de foro ideológico e técnico-formal. É o que acontece nas obras de Carlos de Oliveira e Graciliano Ramos, o primeiro conotado com o movimento neo-realista em Portugal e o segundo considerado representativo do chamado Romance Social no Brasil. Nesta medida, os romances *Uma Abelha na Chuva* e *Vidas Secas* são ilustrativos de escritas neo-realistas, devido à presença de elementos comuns dos planos semântico e pragmático da semi-ose literária.

Relativamente à informação axiológica, por exemplo, as narrativas apresentam um tema comum, característico do ideário marxista, cuja eleição denuncia práticas socialmente empenhadas. Quanto às finalidades injuntivas da sua comunicação artística, a componente ideológica consubstancia-se pelo recurso a estratégias que apontam para uma cosmovisão materialista dos fenómenos retratados.

PETAR PETROV é Licenciado, Mestre e Doutor em Literatura Comparada pela Universidade de Lisboa. Iniciou a sua carreira profissional como tradutor, foi docente do Ensino Secundário e do Ensino Superior Politécnico em Portugal, Leitor do Instituto Camões na Bulgária e Professor convidado em França. Presentemente é Professor Associado da Universidade do Algarve onde lecciona as disciplinas de Literaturas de Língua Portuguesa (Portuguesa, Brasileira e Africanas) e Literatura Comparada. Participou em vários congressos nacionais e internacionais (Portugal, Brasil, Inglaterra, Alemanha, Polónia e EUA) com comunicações sobre Literaturas Lusófonas. Publicou cinco livros de ensaios, mais de trinta artigos em revistas especializadas e organizou oito antologias de poesia, contos e crónicas de autores de Língua Portuguesa, editadas pela Five Plus, Sófia.

MEMÓRIA HISTÓRICA NO PORTUGAL CONTEMPORÂNEO

TERESA PINHEIRO
teresa.pinheiro@phil.tu-chemnitz.de

Nos últimos dez anos tem sido possível assistir, em diversos países europeus, a acessos debates sobre a forma de preservar a memória histórica dos acontecimentos traumatizantes do século XX. O desaparecimento das últimas testemunhas da Guerra Civil de Espanha, das Guerras Mundiais e do Holocausto provoca a passagem de uma memória geracional para uma memória colectiva, institucionalizada no espaço público. A Alemanha e a Espanha são exemplos elucidativos da actualidade do tema, não só em reflexões teóricas no contexto académico, como também nos mais variados âmbitos sociais.

Em Portugal, apenas pontualmente, e principalmente no discurso académico, se tem acentuado a necessidade de ‘renegociação’ da memória histórica. O papel do passado histórico na construção de uma identidade colectiva assenta num contraste entre o peso das versões nacionalistas da história de Portugal, ‘inventadas’ (no sentido de Hobsbawm) pelo Estado Novo, e a ausência de memória histórica do mesmo enquanto regime ditatorial.

É partindo deste contraste entre memória e amnésia que pretendo, na minha palestra, analisar o papel da história recente nas construções de identidade colectiva no discurso oficial português.

TERESA PINHEIRO fez Doutoramento na área de Antropologia Cultural (2002) sobre representações do Brasil em escritos portugueses do sec. XVI. Desde 2004 lecciona na Cátedra de Estudos Ibéricos “Kultureller und Sozialer Wandel” na Universidade de Chemnitz, Alemanha. **Áreas de pesquisa:** discursos de migração, relações luso-espanholas, construções de identidade colectiva, memória histórica, discursos de globalização.

QUEM VIVE NAS PROFUNDIDADES DA TERRA DEBAIXO DO CASTELO DE S. JORGE?

JACEK PLECIŃSKI
jp@uni.torun.pl

O romance Terramoto de Vitório Káli leva pelo menos três mundos diferentes. Um deles é, na sua totalidade, fantástico. Trata-se duma evocação do interior profundo do nosso planeta, onde devem viver os kális (o nome daqueles seres imaginados pelo Autor até deu origem ao heterónimo literário dele). A insaciável imaginação do escritor forneceu dezenas de palavras inexistentes em dicionários de língua portuguesa, por ele inventadas.

Terramoto já foi traduzido para vários idiomas. Nesta palestra a atenção do orador vai para duas traduções que são a sua própria para polaco e a romena. Quais foram as estratégias específicas dos tradutores? O objectivo do texto é de apresentá-las e de comentá-las; não se põe de modo nenhum alguma vontade de apontar com o dedo umas “boas” e “más” soluções na tradução.

JACEK PLECIŃSKI é professor na na Cátedra de Filologia Românica da Universidade Nicolau Copérnico em Toruń.

MULHERES DA CORTE E MULHERES DO POVO: DO IMAGINÁRIO NACIONAL À LITERATURA

ANA RIBEIRO
anar@ilch@uminho.pt

Da rainha Santa Isabel a Catarina Eufémia, diversas têm sido as mulheres imortalizadas, ao longo dos tempos, pelo imaginário português. Tendo em conta a relação biunívoca que a literatura mantém com o imaginário de um povo, neste trabalho pretende-se analisar, sem ter a exaustividade como objectivo, a projecção literária de algumas dessas mulheres que, apesar da sua proveniência social diversa, são irmanadas na categoria de símbolos nacionais.

ANA RIBEIRO lecciona Introdução aos Estudos Literários e Literaturas Lusófonas na Universidade do Minho (Portugal). Doutorou-se em Ciências da Literatura (Literatura Portuguesa). Interessa-se pelo romance de aprendizagem, pela representação da mulher e pela literatura de autoria feminina em Portugal.

DA RURALIDADE À CIDADE: A REINVENÇÃO DA TRADIÇÃO ORAL NA CULTURA ANGOLANA CONTEMPORÂNEA

ORQUÍDEA RIBEIRO
oribeiro@utad.pt

Na oralidade tradicional africana encontramos contos, fábulas e lendas, com elementos da natureza, espíritos e símbolos sobrenaturais, experiências e costumes vividos pelos antepassados e a sociedade em geral que se reflectem/reflectiam nos aspectos relevantes da vida em comunidade.

Com a guerra e a deslocação de populações das zonas rurais para as zonas urbanas à procura de protecção ou simplesmente para fugir ao conflito armado, assistiu-se a uma perda de valores da cultura oral das sociedades tradicionais devido à discrepância entre os hábitos e costumes das zonas rurais e zonas urbanas. Angola é um país multiétnico e o pluralismo cultural evidencia-se agora na cultura urbana em que convivem elementos de vários grupos étnicos que utilizam a língua Portuguesa como meio de comunicação.

ORQUÍDEA RIBEIRO é doutorada em Cultura (Afro-Americana) com uma dissertação sobre a obra da escritora e antropóloga afro-americana Zora Neale Hurston, intitulada *Lyin' her Way through Fiction: Folklore and Fiction in the Work of Zora Neale Hurston*. **Artigos:** "History and Memory in Toni Morrison's *Beloved*" (1999) e "Biblical Narratives and Popular Culture: Hurston's Moses, *Man of the Mountain*" (2005).

DIÁLOGOS COM A CULTURA AFRO-BRASILEIRA

MARIA APARECIDA ANDRADE SALGUEIRO
cidasal@uol.com.br

A partir da ciência da formação inovadora dos estudantes da Seção Luso-Brasileira, a presente comunicação pretende apresentar de forma sucinta e aspectos da cultura africana em sua manifestação diaspórica no Brasil, trabalhando elementos da arte, do teatro e da literatura dos afro-descendentes em língua portuguesa do Brasil.

MARIA APARECIDA ANDRADE SALGUEIRO é professora na Universidade Estatal do Rio de Janeiro.

ARTE E PERVERSIDADE: O DIÁLOGO ARTÍSTICO DE AGUSTINA E PAULA REGO

MARIA CRISTINA FIRMINO SANTOS
santos.cja@gmail.com

Tomando como objecto central a obra *As Meninas* de Paula Rego e Agustina Besa-Luís, autoras de uma evidente familiaridade artística, pretende-se demonstrar a pertinência da correlação entre a capacidade criativa e o ímpeto criminoso, aí protagonizadas e tópico maior da literatura gótica, para interpretar aspectos proeminentes da ampla obra de ambas as artistas.

Além de uma (auto)biografia artística, *As Meninas* faculta um quadro muito peculiar da criação artística em sentido amplo, dos procedimentos e impulsos artísticos fortes o que permitirá encontrar na perversidade, na força delirante, cáustica e tenebrosa os motivos indispensáveis para poder, neste trabalho, perspectivar certo imaginário contemporâneo português notório, por exemplo, em escritores como Rui Nunes e Ana Teresa Pereira.

Entre a bibliografia relevante contam-se obras de Ruth Rosengarth, Bernardo Pinto de Almeida, Silvina Rodrigues Lopes e Noel Carroll.

MARIA CRISTINA FIRMINO SANTOS tem um doutoramento em Teoria da Literatura (2003) pela Universidade de Lisboa e um Mestrado (1995) em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea pela Universidade de Lisboa. É Professora Auxiliar no Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora onde ensina Teoria da Literatura e Introdução aos Estudos Literários.

JORNALISMO CULTURAL NO BRASIL: DIFICULDADES DE SE IMPLANTAR UM JORNALISMO CULTURAL E LITERÁRIO MAIS PROFUNDO NO BRASIL

HENRIQUE SHINZATO
henriqueshinzato@hotmail.com

Uma proposta de expor os problemas - e motivos - que o jornalismo voltado para a

cultura e a literatura enfrenta no Brasil. Aspectos sociais e econômicos serão abordados, já que se trata de uma forma de “apartheid cultural” na sociedade brasileira, aumentando, ainda mais, a considerada parede entre as classes mais abastadas, que possuem acesso às redes, e as pobres, que já se preocupam, muitas vezes, em lutar apenas pelas necessidades mais básicas da vida. Além disso, observaremos, sem se afastar do foco da discussão, como a mídia dita valores culturais, como na música, reforçando o chamado “popular”, e desencorajando a sociedade em buscar novos rumos culturais.

HENRIQUE SHINZATO é formado em comunicação social, habilitado em jornalismo, pelo Centro Universitário de Brasília e Unisantos. Trabalhou na área de assessoria, radio e jornalismo on-line.

“EM TORNO DA (IM)PERFEIÇÃO: DE CAMÕES A NUNO JÚDICE”

MARIA GRACIETE GOMES DA SILVA
mg.silva@fcs.unl.pt

A comunicação centra-se na representação - e no problema da representação - de experiências, ideias e afectos em Camões e Nuno Júdice, enquanto poetas-intérpretes de uma exigência de perfeição por natureza aproximativa (na diversidade das suas vozes e dos seus universos de referência). Partir-se-á, naturalmente, de textos selectos de qualquer dos dois autores (e da obra mais recente no caso de Nuno Júdice: *As coisas mais simples*, Lisboa, Pub. Dom Quixote, 2006).

MARIA GRACIETE GOMES DA SILVA é professora na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde se doutorou, em 2006, com uma tese no âmbito da teoria da história literária (*A literatura portuguesa, essa ficção. Para uma história crítica da historiografia literária portuguesa*) e onde tem vindo a leccionar cadeiras diversas nas áreas da Literatura Portuguesa e da formação de professores de Português. É co-autora de *Sistemas de Formação de Professores* (Lisboa, 1986) e autora do ensaio “Da velha «Questão da Língua» à nova «Causa da Literatura», ou a história literária *ab ovo*” (*Em Louvor da Linguagem*, Lisboa, 2003).

O TEMPO NUMA SEQUÊNCIA DESCRITIVA

PAULO NUNES DA SILVA
pnsilva@univ-ab.pt

Propomo-nos reflectir sobre os mecanismos linguísticos que caracterizam a expressão do tempo numa sequência descritiva (tempos verbais, adverbiais temporais, classes aspectuais e relações discursivas). Explicitaremos as propriedades das sequências descritivas e procederemos à análise do tempo numa sequência descritiva.

Como conclusão da investigação realizada, argumentamos que a ocorrência predominante de situações da classe dos estados e a relação temporal de sobreposição entre os estados de coisas referidos constituem propriedades prototípicas das sequências descritivas do tipo ver.

PAULO NUNES DA SILVA (n. 1967) é Doutor em Linguística Portuguesa (2006) e Docente de Linguística no Departamento de Língua e Cultura Portuguesas da Universidade Aberta (desde 1995). A Semântica e a Linguística Textual constituem as minhas áreas de investigação e reflexão. No âmbito das provas de doutoramento, apresentei uma tese intitulada O Tempo no Texto.

AMOR EM PORTUGUÊS

ZUZANNA BUŁAT SILVA
zbulat@box.43

Cada cultura tem os seus próprios modos de falar, pensar, actuar e até sentir, os quais se reflectem na língua. Na minha comunicação queria analisar o significado lexical duma palavra portuguesa, *amor*. Tendo como base o corpus composto dos textos das canções do fado lisboeta, tenatarei procurar o invariante semântico da palavra *amor* e defini-lo em termos da metalíngua semântica natural de Anna Wierzbicka. Aquela metalíngua, formada de apenas 60 palavras simples e universais, permite comparar vários conceitos culturais sem prejuízos etnocêntricos.

ZUZANNA BUŁAT SILVA pertence à Secção de Estudos Luso-Espanhóis do Departamento da Filologia Românica da Universidade de Wrocław. **Publicações importantes:** “Fado - pieśń Lizbony”, *Orbis Linguarum*, 2004; “Saudade, czyli portugalska tęsknota za czymś, co być mogło, a nie było”, *Anatomia szczęścia*, 2005; “Alma, czyli <portugalska dusza>”, *Studia Linguistica*, 2006; **Tese de Doutoramento:** *Fado – podejście semantyczne. Próba interpretacji słów kluczy* (defendida no dia 20 de Março de 2007)

LÍNGUA PORTUGUESA E AS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO: AS DINÂMICAS DA(S) ESCRITA(S)

JOSÉ TEIXEIRA
jsteixeira@ilch.uminho.pt

É um facto iniludível que o fascínio que as novas tecnologias exercem, sobretudo entre as novas gerações, tem implicações na forma como a comunicação através das palavras é feita, quer na vertente oral, quer na dimensão da escrita.

Com a presente comunicação pretende-se mostrar como o uso das novas tecnologias acarreta, na língua portuguesa, alterações feitas, a um ritmo muito rápido, às formas da escrita padrão, reinventando-se outras escritas e constantes formas morfológicas que uma investigação atenta a uma língua em desenvolvimento não pode ignorar.

JOSÉ TEIXEIRA é Doutorado em Ciências da Linguagem-Linguística Portuguesa e Professor Associado na Universidade do Minho (Braga, Portugal). Investigador na perspectiva da Linguística Cognitiva, pertence à Comissão Redactorial e Científica da Revista Diacrítica-Série Ciências da Linguagem. Tem algumas dezenas de publicações (livros e artigos) sobre linguística e língua portuguesa.

MODOS GRAMATICAIS E MODALIDADES: ALGUMAS PARTICULARIDADES DO PORTUGUÊS EUROPEU

HELENA VALENTIM
htvalentim@oninetspeed.pt

Integrado no quadro mais vasto da problemática da construção da significação, é objectivo desta comunicação apresentar algumas das particularidades do PE no que respeita à relação não unívoca existente entre, por um lado, as formas linguísticas dos modos indicativo/conjuntivo e, por outro, os valores da categoria da modalidade por eles marcados. Propomos, assim, uma descrição e uma explicação semântico-enunciativa de enunciados cuja construção resulta de um encadeamento de operações predicativas e enunciativas, considerando-se que, nesta construção dinâmica de operações e de valores, intervêm, não de forma composicional, mas de forma interrelacional, todas as unidades que coocorrem no enunciado.

HELENA VALENTIM é Professora Auxiliar no Departamento de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, onde lecciona, no ano lectivo de 2006-07, as disciplinas de 1º Ciclo *Linguística Geral, Introdução às Ciências da Linguagem e Semântica e Cognição*, e o seminário de 2º Ciclo *Marcadores Discursivos*. Doutorou-se em 2005, em Linguística, área de especialização Semântica, com a dissertação *Um estudo semântico-enunciativo de predicados subjectivos do português*. Participou, entre 2003-06, no projecto GRADE (Gramática e Enunciação), do Centro de Linguística da UNL.

FREI LUÍS DE SOUSA: ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA

ANA ISABEL VASCONCELOS
aivasconcelos@yahoo.com

O drama histórico Frei Luís de Sousa, de Garrett, é um texto que, desde há muito, figura nos programas curriculares de universidades portuguesas e estrangeiras.

Tratando-se incontestavelmente de um texto canónico, o seu estudo já interessou aos mais reputados investigadores, que o abordaram de perspectivas diversas, consoante até as tendências da crítica literária. Propomo-nos, nesta comunicação, regressar ao início, à génese do drama, e valorizar o elemento histórico, percebendo e explicando em que medida a intemporalidade desta obra-prima se deve precisamente ao equilíbrio magistralmente estável entre estes dois saberes: a História e a Literatura.

ANA ISABEL VASCONCELOS é Professora no Departamento de Língua e Cultura Portuguesa da Universidade Aberta, onde lecciona, desde 1991, a disciplina de “História do Teatro Português”. Em 2000, obtém o grau de Doutor em Estudos Portugueses, com um trabalho publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian, intitulado *O Drama Histórico Português do Século XIX (1836-56)*.

FERNANDO PESSOA: UM DIÁLOGO COM A LUSOFONIA

DIONÍSIO VILA MAIOR
dionisiovm@gmail.com

Procurarei desenvolver um quadro temático delimitado pelo termo “Lusofonia”, operando sobre uma matriz enformada por diversas reflexões de Fernando Pessoa (e os seus outros eus) acerca da “Língua Portuguesa”, “Cultura”, “Identidade” e “Alteridade”. Procurarei consolidar a noção segundo a qual a «determinação do sentido cultural de um país» se define «pela sua determinação em relação a si própria, ao grupo civilizacional a que pertence e à civilização em geral».

DIONÍSIO VILA MAIOR é professor na Universidade Aberta. Algumas publicações: *Literatura em Discurso(s). Saramago, Pessoa, Cinema e Identidade*, Coimbra, Pé de Página, 2001; *O Sujeito Modernista: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e António Ferro: crise e superação do sujeito*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003.

APARIÇÕES EM FÁTIMA E PLOCK: OU QUANDO O DIVINO SE INTERESSOU POR POLÍTICA!

MARCOS NUNES VILHENA
marcosvilhena@iol.pt

Se o profetismo encontra numa conjuntura as condições para a sua recepção e consolidação é porque um substracto social o recebe e perfilha na relação que isso tenha já com outros aspectos do seu quotidiano. Porventura mais que outros fenómenos religiosos, este profetismo traz à História a problemática do seu tratamento como facto e simultaneamente dogma.

Em Portugal, a instabilidade política da I República receberia o “Milagre de Fátima”, que logo se prestaria a cercear o anticlericalismo republicano e o avanço das doutrinas comunistas e a legitimar as messiânicas tomadas do poder de Sidónio Pais e Salazar. As memória proféticas *a posteriori* da vidente Lúcia, em publicação a partir da década de 40 e introduzindo elementos como o “Anjo de Portugal” e a “Conversão da Rússia”, são um reflexo dessa necessidade.

Num período igualmente conturbado da sua história, a Polónia também teria a sua aparição – a de Jesus a Faustina Kowalska – de que sobreviriam um culto, uma imagem e também as memórias da freira.

A comunicação a apresentar na área dos “Encontros entre a Polónia e os países lusófonos” prestar-se-á, à luz de uma abordagem histórica, a uma análise do discurso de ambas as “videntes” e a uma comparação de duas nações “mártires”, que, num momento conturbado da sua história, beneficiariam do ascenso político divino para voltar aos recos caminhos cristãos.

MARCOS NUNES VILHENA licenciou-se, em 2006, em Línguas e Literaturas Modernas – variante de Estudos Portugueses, na Universidade do Algarve, com uma tese do âmbito da Cultura de Tradição Oral, intitulada *Mil e Uma Maneiras de Cozinhar Gato – esboço de um catálogo internacional de 'lendas activas'*, sob orientação do Professor J. J. Dias Marques. Foi colaborador do Centro de Estudos Ataíde de Oliveira, da mesma universidade, na transcrição do acervo de Joanne Purcell, para organização do Arquivo Nacional do Conto Tradicional Português e do *Index of Portuguese Folktales*, sob coordenação da Professora Isabel Cardigos. Foi professor de PLE no CIAL – Centro de Língua, em Faro. Presentemente, é leitor de língua portuguesa na Universidade Jaguelónica, em Cracóvia, e escreve uma tese de doutoramento sobre as representações da Revolução Russa na imprensa portuguesa e espanhola de época e seus efeitos na quebra desses regimes demo-liberais, pelo ISCTE.

O VALOR ASPECTUAL ITERATIVO DAS PERÍFRASES VERBAIS (ESTUDO DE CARÁCTER CONTRASTIVO: PORTUGUÊS-POLACO)

JUSTYNA WIŚNIEWSKA
wisniewska@wp.pl

O objectivo do nosso estudo é analisar o valor aspectual iterativo em português europeu para depois comparar os meios de expressão do valor em questão em português e em polaco. Concentramo-nos particularmente na análise das perífrases verbais que assumem o valor aspectual iterativo. Partimos da análise dos exemplos portugueses para passarmos a considerar os seus equivalentes polacos.

Como o resultado das análises efectuadas, reconhece-se que as perífrases verbais na língua portuguesa constituem um meio muito representativo e privilegiado para expressar a categoria do aspecto e neste caso o valor aspectual iterativo. As nossas considerações evidenciam que as duas línguas dispõem de processos diferentes para marcar o valor aspectual iterativo. Se compararmos as duas línguas em questão, verificamos que o português apresenta a riqueza de processos linguísticos para expressar a iteração, no polaco ocorrem os verbos iterativos com marcação morfológica.

JUSTYNA WIŚNIEWSKA fez estudos superiores no Instituto de Filologia Românica da Universidade de Lublin e recebeu em 2003 a Licenciatura em Línguas Românicas. É assistente na Secção de Estudos Portugueses da Universidade Maria Curie Skłodowska de Lublin. Anda a preparar a tese de doutoramento sobre “Os processos de expressão da iteratividade em português europeu”.





Ambasada Angolii
w Warszawie



Ambasada Brazylii
w Warszawie



Ambasada Portugalii
w Warszawie